



BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS (198) – JULHO-SETEMBRO 2010 (ANO 48)

JACINTA MARTO VIDA ACOLHIDA, VIDA DADA

EMANUEL MATOS SILVA

Sacerdote da Diocese de Portalegre-Castelo Branco

*Ai que Senhora tão bonita!*¹ exclamava Jacinta logo após o encontro com Nossa Senhora na primeira aparição. E a beleza da Mãe do Céu cativou Jacinta de tal forma que nunca mais houve possibilidade de esquecer aquele momento. Nem de o calar, já que, como a própria Jacinta confessará depois a Lúcia, “tinha cá dentro uma coisa que não me deixava ficar calada”.

O deslumbramento, de facto, tomou conta de Jacinta e produziu, desde logo, naquela pequena criança, uma harmonia tão grande que nada do que viesse a fazer, pensar ou viver poderia ficar fora do novo significado que o encontro com a Mãe de Deus dera à sua vida. “Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora que nunca me canso de Lhes dizer que Os amo”!

Jacinta Marto nasceu a 11 de Março de 1910. Tinha apenas sete anos quando da primeira aparição mas, sobretudo, tinha já nessa idade a grandeza de alma que a fé produz e onde viriam a germinar os seus grandes



amores: a Eucaristia (Jesus escondido), o Imaculado Coração de Maria, o Santo Padre e, evidentemente, os pecadores. A salvação destes era a sua grande preocupação e seu grande motivo de sacrifício.

A fé, de facto, antes de ser uma qualquer resposta ou interrogação, exprime-se como harmonia, como gratuidade total que chega e atrai, uma relação com o imenso Mistério de Deus que não se possui mas ao qual também não se consegue escapar. Era seguramente essa a experiência de Jacinta,

a pequena em estatura e idade, diante do Mistério de Deus mas, ao mesmo tempo, sustentada por ele.

O que mais apaixonava, por isso, na figura e na pessoa de Jacinta é a beleza da fé que se manifesta depois como harmonia, gratuidade e, sobretudo, clarividência da verdade. Para Jacinta tudo é simples e claro. Tudo. A verdade impõe-se por si mesma, não se lhe pode nem se lhe consegue fugir. É aí que se concretiza a harmonia. E a confiança n'Aquela Senhora que "é tão nossa amiga" é total. O medo não tem a última palavra, não tem sequer uma palavra determinante. O risco do castigo não a conduz à sedução por outros procedimentos nem ao esquecimento dos pedidos de Mãe do Céu. Em Jacinta tudo é simples. E quanto mais simples, mais se impõe e é clarividente. A beleza que a deslumbra é o brilho da verdade e do bem.

O seu feitio de criança, como conta Lúcia, tinha, como é normal, algumas arestas: era caprichosa e amuava quando as coisas não lhe corriam favoravelmente... era muito agarrada às coisas². Mas esse seu feitio não era a contradição do Mistério que a deslumbrava. Eram sim, pelo contrário, a ocasião e contexto perfeitos para amar Jesus e crescer no seu amor.

De cada momento, e de toda a vida, Jacinta fazia uma "oferta agradável a Deus". E é dentro dessa oferta agradável a Deus que toda a vida de Jacinta decorre. Entregou-se à penitência logo após a aparição do Anjo, entregou-se sempre (em imensas expressões) pela conversão dos pecadores, enfrentou as calúnias do povo, enfrentou as desconfianças e repreensões da própria família, os sustos e interrogatórios do administrador que em Ourém a amedrontava, o

contexto da prisão, fazia de cada momento do convívio com os primos e de cada momento de brincadeira uma verdadeira experiência de "oferta agradável a Deus".

Mas o que mais impressiona em Jacinta não é apenas que tudo deposite nas mãos de Deus em atitude de "oferta agradável a Deus" como quem apenas dissesse: "tomai, Senhor, e fazei o que quiserdes porque eu não sou capaz de mais nem posso porque sou pequenina"! Isso poderia ser apenas a irreduzível experiência da sua indigência e pequenez humana.

O que mais impressiona é ver Jacinta transformar cada momento e cada experiência em "oferta agradável" ou seja, fazer tudo para louvor de Deus e apenas fazer o que louve a Deus. E dessa forma sim, cada pequeno gesto, cada sentimento, cada brincadeira, cada palavra, cada olhar era ocasião de conversão para que, precisamente, tudo fosse "oferta agradável a Deus".

Não se oferecem coisas que, de antemão, se sabe não agradar Àquele a Quem se oferecem. Então, para que sejam agradáveis, há que as transformar antes de as oferecer. Foi assim com Jacinta: unida ao seu Jesus que tanto amava e sob o olhar da Mãe do Céu, venceu o seu carácter passando dos melindres para um coração doce, meigo e



*(...) Tomai, Senhor, e
porque eu não sou cap
porque sou pe*

amável; afastou-se do convívio e das brincadeiras dos maldizentes; mesmo no meio das brincadeiras, preferia demonstrar sempre



*fazer o que quiserdes
voz de mais nem posso
sequenina (...)*

o seu carinho por Jesus; deitava flores como os anjos em vez de brincar; renunciava à sua merenda que distribuía por outras crianças; comia, para fazer oferta agradável, bolota azeda dos carvalhos; cheia de sede renunciava à água por amor dos pecadores; dizia sempre a Jesus que tudo fazia por seu amor e pela conversão dos pecadores; no meio da solidão da prisão e na angústia da saudade da mãe, soube mais uma vez oferecer-se e rezou

o terço com os outros presos; enfrentou e deu sentido à sua doença por amor e pela conversão dos pecadores; preferia oferecer-se pela conversão dos pecadores, sofrendo, do que matar a saudade dos primos; já doente, mandava “saudades a Nosso Senhor e a Nossa Senhora”; a dificuldade dos medicamentos e tratamentos que assumia como entrega; a permanente e insaciável sede de oração de louvor e de súplica, sobretudo, pelos pecadores. E tantas outras experiências.

As expressões de uma vida transformada em “oferta agradável a Deus” são imensas na vida de Jacinta. O oferecimento de si própria pela conversão dos pecadores concretizou-se, primeiro e continuamente, na

sua própria conversão. “Oferta agradável a Deus” foi a do seu coração puro de criança e mantido puro no amor, foi a harmonia da sua vontade, da sua inteligência e do seu amor com o Deus, foi a sua capacidade de partilha e intercessão pelos outros, foi o seu horror ao pecado, foi a sua infinita vontade de ver toda a gente em comunhão com Deus e fazendo o bem (salvando-se).

O grande segredo de Jacinta é Jesus, o imenso amor a Jesus. Foi o amor a Jesus que a fez ver e distinguir o inferno e o Céu e saborear como Deus é bom, foi o amor a Jesus que a fez ver e distinguir a Eucaristia, foi o amor a Jesus que a fez ver e distinguir os outros (sobretudo os pecadores) como irmão, foi o amor a Jesus que, enfim, deu harmonia a uma vida tão curta em cronologia e tão grande, imensamente grande, em amor. E, de facto, a vida mede-se pelo amor.

“Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e a Nossa Senhora e diz-Lhes que sofro tudo quanto Eles quiserem para converter os pecadores e reparar o Imaculado Coração de Maria”³ diz Jacinta a seu Irmão Francisco pouco antes deste morrer. E é uma expressão que impressiona. Como impressiona outra que Lúcia narra nas suas Memórias: “Que vais fazer no Céu? – perguntou Lúcia a Jacinta. Vou amar muito a Jesus, o Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores, pelo Santo Padre, pelos meus pais e irmãos e por todas essas pessoas que me têm pedido para pedir por elas” [...] “Não se aflija minha mãe, vou para o Céu. Lá hei-de pedir muito por si”⁴ É aqui que se manifesta a vida acolhida e a vida entregue de Jacinta.

A criança, de facto, é fundamentalmente o ser humano que não resiste ao amor de



Casa de Jacinta

outro: não tem ainda defesas; entrega-se quando se sente amada. Ainda não saberá amar, mas deixa-se amar.⁵ É sempre o orgulho que resiste ao amor. Deixar-se amar, pelo contrário, é perder o controlo da relação; é perder o pé. Não se pode amar sem se deixar amar. É mesmo o primeiro passo do amor verdadeiro. O primeiro passo do dom é o acolhimento. Quando me deixo amar, dou ao outro a alegria de dar. A criança é exactamente aquela pessoa que é toda acolhimento e que dá ao adulto todas as alegrias de dar. Ainda não sabe amar, mas sabe deixar-se amar.

Então, como tantas vezes sublinha o Santo Padre Bento XVI, Jesus não nos tira nada do que é especificamente humano. Antes pelo contrário, dá-nos a experimentar a percepção da nossa real condição e revela-Se-nos com o caminho de transfiguração. Aconteça o que acontecer, o encontro com Deus deixará sempre no homem uma marca tão forte que o seu grande desejo é o de rever e contemplar de novo o rosto d'Aquele que se mostrou próximo. E, de facto, é quando se ama que se é mais parecido com Deus,

é quando se ama que a vida se dá a experimentar como maior unidade, é quando se ama que se consegue ser mais livre e dispor da vida com liberdade.

O homem é mortal não apenas porque, chegado o fim da vida, morre, mas porque desde o início é essa a sua condição. É mortal não apenas por consequência mas por condição. E esse é o grande desafio a que tem de responder permanentemente: tendo consciência de que não viveu sempre e de que agora vive e mais logo não, tendo consciência e experiência da sua fragilidade e provisoriedade, fazendo experiência da gradualidade do seu caminhar e do sentido da fraternidade no caminho, o homem tem de dar sentido à sua existência (Para quê? Para onde?). E nessa tentativa o homem encontra-se com a mais evidente, e não obstante tudo o que se disse também a mais esquecida das verdades: é próprio de homem ter fome, ter sede, ter sono, ter medo, chorar, experimentar a tristeza, ser crucificado e sepultado; mas é próprio de Deus andar sobre o mar, mudar a água em vinho, ressuscitar os mortos, fazer estremecer o mundo com a sua própria morte e ressurreição.

Jacinta Marto descobriu, experimentou e anunciou tudo isso com a própria vida. E de uma forma extremamente bela. Graças a Deus.

1) Memórias da Irmã Lúcia (Fátima: Vice-Postulação, 1997) 47.

2) Cf. Manuel Fernando SOUSA E SILVA, *Jacinta Marto in Enciclopédia de Fátima* (Lisboa: Principia, 2007) 273.

3) Memórias da Irmã Lúcia (Fátima: Vice-Postulação, 1997) 44.

4) Memórias da Irmã Lúcia (Fátima: Vice-Postulação, 1997) 47.

5) Cf. Luís ROCHA e MELO, SJ, *Oração e acção in Teologia da vida espiritual - apontamentos aos alunos* (Lisboa: UCP, 1998) 3.

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

Publicação trimestral - Preço: 0,05€ ISSN:1645-1309 ERC 101052

Directora: Ir. Ângela de Fátima Coelho, asm

Impresso na Gráfica Almondina, Zona Industrial 2354-909 Torres Novas

Editor e Proprietário: Postulação de Francisco e Jacinta Marto

Morada: Rua de S. Pedro 9, Apartado 6 – 2496-908 FATIMA (Portugal)

Contactos:

Tel: 249 539780

Fax: 249 539789

e-mail: sec.pastorinhos@mail.telepac.pt.

www.pastorinhos.com